

INTRODUÇÃO À FILOSOFIA MORAL

26 DE FEVEREIRO DE 2018

(3^a aula)

Sumário da Aula Anterior:

Definições de Ética. Teorias consequencialistas e teorias deontológicas. Definições de Bioética. A Bioética enquanto área transdisciplinar. Questões e temas-fonte abordados em Bioética. Razões para a emergência da Bioética e cronologia de acontecimentos determinantes.

Programa Para a Aula de Hoje:

Características do raciocínio moral. Introdução à Filosofia Moral. Meta-ética, Ética Normativa e Ética Aplicada. O Relativismo Cultural: definição, pontos fortes e fragilidades. O Argumento das Diferenças Culturais. Discussão do caso “Morte na Arena”.

Raciocínio Moral

- ☑ Identificar temas, problemas e pontos de conflito
- ☑ Identificar as partes interessadas
- ☑ Identificar as consequências potenciais
- ☑ Identificar deveres e direitos

A DIVERSIDADE ÉTICA

No sentido muito geral de:

“Sistema de valores e de código de conduta, nos quais se procura orientação quanto ao modo como se pode ou deve viver”

a ética fez sempre parte das sociedades humanas existindo muitas tradições éticas distintas que correspondem às grandes divisões culturais e religiosas.

A DIVERSIDADE ÉTICA (cont.)

Por exemplo:

- Ética hindu

- Ética budista

- Ética confuciana

- Ética judaica

- Ética cristã

- Ética islâmica

A DIVERSIDADE ÉTICA (cont.)

Em sentido amplo, “ética” é praticamente sinónimo de “moral” (do latim *morus*, que significa “uso”, “costume”).

Assim, a Ética Filosófica também pode ser designada por Filosofia Moral.

Há três grandes domínios da Ética Filosófica (ou da Filosofia Moral):

A Meta-Ética (ou Meta-Moral)

A Meta-Ética estuda a natureza da ética, analisa o sentido e a objectividade dos juízos morais, investiga como é que os seres humanos podem saber o que é certo, correcto.

A Meta-Ética não está interessada em saber que acções são boas ou más: está interessada em compreender o sentido dos conceitos “bom”, “mau”, “certo”, “errado”.

Uma investigação meta-ética pode perguntar: o que torna o juízo “mentir é sempre errado” verdadeiro ou falso? Uma resposta possível: as regras morais são apenas convenções sociais de grupos culturais particulares. Isto implica que o juízo “mentir é sempre errado” é apenas a expressão das crenças de um grupo, e são as suas crenças sobre esse assunto que o tornam verdadeiro.

A Ética Normativa

A Ética Normativa lida com normas morais entendidas como códigos a que os agentes morais devem obedecer. “Não matarás” exemplifica uma norma moral.

A Ética Normativa procura identificar os princípios da acção correcta que podem ser usados para orientar, guiar, conduzir, os seres humanos na sua vida.

Tais princípios podem ser usados para decidir se opções particulares de acção são certas ou erradas. Por outras palavras, a Ética Normativa procura dar respostas às questões “que devo fazer?”, “qual a coisa correcta a fazer?”, ao identificar um conjunto de princípios que podem ser usados para determinar as acções correctas, ou mostrar que não há princípios disponíveis e que a correcção da acção deve ser percebida num contexto situacional.

Algumas teorias normativas dominantes: o Utilitarismo, o Kantismo, a Ética das Virtudes.

A Ética Aplicada

A Ética Aplicada, em contraste com a Meta-Ética e a Ética Normativa, mais “abstractas”, “teóricas”, é muito “prática”. Procura aplicar os resultados da ética Normativa à vida quotidiana, a casos problemáticos particulares, “reais”, como por exemplo: o aborto, a eutanásia, o castigo criminal, o tratamento dos animais.

(Créditos: Nuno Nabais e Nuno Melim)

FILOSOFIA MORAL

ESTUDO DA FORMA DE VIVÊNCIA CORRECTA



RELATIVISMO CULTURAL

SUBJECTIVISMO

ÉTICA RELIGIOSA

EGOISMO ÉTICO

UTILITARISMO

KANT E O IMPERATIVO CATEGÓRICO

CONTRATO SOCIAL

ÉTICA DAS VIRTUDES

ÉTICA SOCIAL

Morality differs in every society, and is a convenient term for socially approved habits.

RUTH BENEDICT, *PATTERNS OF CULTURE* (1934)

2.1. How Different Cultures Have Different Moral Codes

Darius, a king of ancient Persia, was intrigued by the variety of cultures he encountered in his travels. He had found, for example, that the Callatians (a tribe of Indians) customarily ate the bodies of their dead fathers. The Greeks, of course, did not do that—the Greeks practiced cremation and regarded the funeral pyre as the natural and fitting way to dispose of the dead. Darius thought that a sophisticated understanding of the world must include an appreciation of such differences between cultures. One day, to teach this lesson, he summoned some Greeks who happened to be present at his court and asked them what they would take to eat the bodies of their dead fathers. They were shocked, as Darius knew they would be, and replied that no amount of money could persuade them to do such a thing. Then Darius called in some Callatians, and while the Greeks listened asked them what they would take to burn their dead fathers' bodies. The Callatians were horrified and told Darius not even to mention such a dreadful thing.

Consider the Eskimos. They are a remote and inaccessible people. Numbering only about 25,000, they live in small, isolated settlements scattered mostly along the northern fringes of North America and Greenland. Until the beginning of this century, the outside world knew little about them. Then explorers began to bring back strange tales.

Eskimo customs turned out to be very different from our own. The men often had more than one wife, and they would share their wives with guests, lending them for the night as a sign of hospitality. Moreover, within a community, a dominant male might demand—and get—regular sexual access to other men's wives. The women, however, were free to break these arrangements simply by leaving their husbands and taking up with new partners—free, that is, so long as their former husbands chose not to make trouble. All in all, the Eskimo practice was a volatile scheme that bore little resemblance to what we call marriage.

But it was not only their marriage and sexual practices that were different. The Eskimos also seemed to have less regard for human life. Infanticide, for example, was common. Knud Rasmussen, one of the most famous early explorers, reported that he met one woman who had borne twenty children but had killed ten of them at birth. Female babies, he found, were especially liable to be destroyed, and this was permitted simply at the parents' discretion, with no social stigma attached to it. Old people also, when they became too feeble to contribute to the family, were left out in the snow to die. So there seemed to be, in this society, remarkably little respect for life.

The great pioneering sociologist William Graham Sumner, writing in 1906, put the point like this:

The “right” way is the way which the ancestors used and which has been handed down. The tradition is its own warrant. It is not held subject to verification by experience. The notion of right is in the folkways. It is not outside of them, of independent origin, and brought to test them. In the folkways, whatever is, is right. This is because they are traditional, and therefore contain in themselves the authority of the ancestral ghosts. When we come to the folkways we are at the end of our analysis.

RELATIVISMO CULTURAL

A MORAL DIFERE EM TODAS AS SOCIEDADES, E É UM TERMO DE CONVENIÊNCIA PARA DESIGNAR OS HÁBITOS SOCIALMENTE APROVADOS

O RELATIVISMO CULTURAL SUSTENTA-SE EM NUMEROSAS OBSERVAÇÕES ANTROPOLÓGICAS

ARGUMENTO DAS DIFERENÇAS CULTURAIS

ARGUMENTO DAS DIFERENÇAS CULTURAIS

- (1) Os Esquimós não vêem nada de errado no infanticídio, enquanto que os Europeus acreditam que o infanticídio é imoral;

- (2) Portanto, o infanticídio não é objectivamente correcto nem objectivamente errado: é apenas uma questão de opinião, que varia de cultura para cultura.

1. Os Barranquenhos não vêm nada de errado na morte do touro na arena, enquanto que os Lisboetas a rejeitam;

2. Portanto, as touradas de morte não são objectivamente correctas ou erradas: é apenas uma questão de opinião, que varia de cultura para cultura.

1. As diferentes culturas têm diferentes códigos morais;

2. Portanto, não há “verdade” objectiva na moral. O certo e o errado são apenas questões de opinião, e a opinião varia de cultura para cultura.

AS CONCLUSÕES NÃO SE SUSTENTAM NAS PERMISSAS
(DIFERENÇAS CULTURAIS NÃO IMPLICAM DIFERENÇAS MORAIS)
IMPEDE O PROGRESSO MORAL
HÁ VALORES COMUNS A TODAS AS SOCIEDADES

Morte na Arena

Manuel F. tem uma profissão rara mas tradicional: é matador de touros. A 7 de Agosto, na Monumental de Vila X, Manuel cumpriu a tradição: matou, na arena, um touro. À mesma hora, numa savana africana, uma leoa anónima abatia um velho búfalo.

1. O acto de Manuel F. pode ser eticamente avaliado?
2. O acto da leoa anónima pode ser eticamente avaliado?
3. Identifique, neste caso, os sujeitos morais e os agentes morais.

Checklist de Conhecimentos e Competências a Adquirir:

- Conhecer os processos básicos do raciocínio moral; ser capaz de identificar sujeitos e agentes morais;
- Compreender as diferenças entre Meta-Ética, Ética Normativa e Ética Aplicada;
- Ser capaz de enumerar as principais teorias de Filosofia Moral;
- Ser capaz de produzir uma definição de “Moral”, tendo presente as dificuldades da formulação de uma definição universal;
- Compreender o conceito de “Relativismo Cultural”; ser capaz de apontar as suas fragilidades filosóficas; ser capaz de identificar posições de relativismo moral no discurso político.

SUMÁRIO

Caraterísticas do raciocínio moral. Introdução à Filosofia Moral. Meta-ética, Ética Normativa e Ética Aplicada. O Relativismo Cultural: definição, pontos fortes e fragilidades. O Argumento das Diferenças Culturais. Discussão do caso “Morte na Arena”.

BIBLIOGRAFIA DA AULA

Nuclear

Rachels, J. (1993) *The elements of moral philosophy*, 2nd ed.. McGraw Hill International Editions, New York (1st ed. 1986). **(capítulo 2, pp. 15-30)**

Complementar

Russow, L.-M. (2002). Reasoning. In: *Life Science Ethics* (G. Comstock ed.), chapt. 3, pp. 33 - 66, Iowa State Press, Ames. **(capítulo 3, pp. 135-149)**